

Assembleia Geral de 16 de agosto de 1893.

Assembleia Geral, aos 16 dias do mês de agosto de 1893, às 8h30, no Salão Berner. Quarta-feira.

O comandante senhor V. Müller abriu a reunião e passou para a ordem do dia.

1) Relatório do caixa: o tesoureiro senhor O. Delitsch e Carl Urban, revisor, relataram que o caixa não sofreu nenhuma alteração desde a última revisão, em função do que uma nova revisão foi considerada desnecessária.

O tesoureiro reclamou de não ter tomado conhecimento a respeito do dinheiro que a sociedade recebeu por parte da Intendência, já que este não lhe foi entregue. A isto, a comissão responsável pelas negociações junto à Intendência relatou que este dinheiro recebido foi utilizado, conforme acordo feito de boca, para comprar os equipamentos necessários, para então prestar contas a respeito ao tesoureiro e à sociedade.

2) Relatório da comissão de equipamentos: o administrador dos equipamentos, senhor E. Wassermann, relatou que a sociedade possui:

- 100 baldes de pano, próprios para vela, por enquanto sob a guarda do senhor O. Schwarz
- 48 cintos, sob a guarda do senhor F. Stoll.
- 2 carros-pipa, sob a guarda do senhor A. Colin.
- 50 capacetes, sob a guarda do senhor G. Raschke.
- 3 escadas para escalar, que ainda não estão ferradas, sob a guarda do senhor [____(?)] Colin.
- 2 da mesma, sob a guarda do senhor H. Wassermann.
- 18 mosquetões, sob a guarda do senhor A. Colin, para que sejam modificados.

3) Admissão de novos membros: o presidente relatou que o senhor Alexandre Döhler se colocou à disposição para ser admitido e, por solicitação do senhor Kreutz, a votação foi realizada por meio de cédulas de papel, ao mesmo tempo em que foi decidido que, futuramente, as admissões seriam decididas por meio de cédulas de votação. A votação referente à admissão do senhor Döhler resultou em 24 votos pelo sim, dois votos brancos e três votos pelo não, de acordo com o que o senhor Döhler foi admitido. O presidente relatou que os senhores C. G. Döhler e Franz Schendel saíram da sociedade.

4) Novas eleições: passou-se para a escolha do comandante e do subcomandante, e foram eleitos: como comandante, o senhor Felix Heinzelmann, com 18 votos, e como subcomandante, o senhor F. Stoll, com 16 votos. Passou-se, então, para a escolha do Conselho Administrativo, para o que foram eleitos os senhores: Edw. Loos, com 27 votos; E. Wassermann, com 25; C. Urban, com 18; P. Schoof, com 16; Frz. Lepper, com 13 votos. O senhor P. Schoof, posteriormente, abriu mão de sua eleição e, de acordo com o que foi decidido, passou-se ao mais votado, que foi o senhor C. Stein, com 10 votos, que também abdicou, passando-se, então, para o próximo mais votado, senhor Max Friedrich, que aceitou o resultado da votação. Como revisores de caixa, respectivamente revisores, foram eleitos: O. A. Schneider, com 12 votos; O. Gelbcke, com 12 votos e Alex Schlemm, com 13 votos.

5) Assuntos diversos. Sobre a solicitação do senhor A. Kohlbach, ficou decidido que o tesoureiro cobraria pelas contribuições dos membros passivos. Sobre as solicitações dos senhores

V. Müller e Edw. Loos, ficou decidido que a sociedade, respectivamente todo e qualquer membro ativo, que tenha adquirido uma camiseta, eleja uma comissão que se dedique à aquisição de novas camisetas, a fim de uniformizar a todos. O pagamento destas camisetas deve ser feito por meio da contribuição mensal dos membros.

Para a comissão anteriormente mencionada foram eleitos os senhores F. Stoll, com 19 votos; C. Schuhmann, com 13 e Max Friedrich, com 12.

Por solicitação do senhor C. Urban, o seguinte foi relatado no protocolo: que, além do dinheiro já protocolado na reunião anterior, que esteve em suas mãos, e já que o tesoureiro não tinha nenhuma orientação a respeito da entrada feita pela Intendência, bem como de qualquer outra entrada posterior, não foi produzido nenhum relatório por parte (da comissão) dos revisores.

Como não havia mais nada, o protocolo foi lido, aprovado e encerrado.

Victor Müller
Comandante

Alexandre Schlemm
Secretário

F. Heinzelmann
Comandante

Assembleia Geral Extraordinária de 27 de agosto de 1893.

Assembleia Geral Extraordinária, aos 27 dias do mês de agosto, às 9h15, no pátio de treinamento. Domingo.

O comandante senhor F. Heinzelmann abriu a reunião e solicitou ao secretário, que lesse o protocolo da assembleia anterior, depois do que o senhor E. Wassermann solicitou que ele próprio pudesse ler o protocolo da última assembleia, o que foi aceito. Depois disso, passou-se para a ordem do dia. Referente à determinação das contribuições mensais, para a aquisição das camisetas: sobre isso, ficou decidido perguntar aos presentes se estes não gostariam de liquidar a contribuição de uma vez só, já que a necessidade assim o exige, pois não há dinheiro em caixa. O resultado da consulta foi que todos os presentes aceitaram pagar os custos imediatamente. Depois disso, o senhor E. Wassermann solicitou que a contribuição fosse fixada em 1\$, mas que os custos da confecção sejam pagos imediatamente, o que foi aceito. Em seguida, o comandante trouxe para discussão a solicitação feita pelo senhor F. Lepper, de que nenhum membro pode deixar a reunião sem o consentimento do comandante, o que foi aceito por unanimidade. O senhor Wassermann solicitou que as camisetas prontas sejam entregues ao tesoureiro e que este as entregasse aos membros em questão, mediante pagamento efetuado ao caixa.

O senhor F. Rogner se colocou à disposição para ser admitido como membro passivo. Diante disso, o senhor Wassermann solicitou que a decisão sobre esta admissão fosse tomada por meio

Assembleia Geral Ordinária de 18 de agosto de 1897.

Reunião da Assembleia Geral Ordinária, de 18 de agosto de 1897, às 8 horas da noite, no Salão Walther.

Foi percebido, mais tarde, que o senhor Etzold havia justificado sua falta para a reunião do Conselho Administrativo, junto ao comandante, e que o senhor V. Dreifuss presenteou o grupamento dos escaladores com as latas necessárias para a limpeza da esponjas. Ambas correções ocorreram após a leitura dos protocolos referentes às últimas reuniões da Assembleia Geral.

O comandante apresenta o telegrama de Haupt e Lepper (de 14 de julho de 1897/Heinzelmann) para conhecimento geral, bem como um relatório (anual). Então, passou-se para a leitura do relatório da comissão dos revisores. Depois da apresentação deste relatório, o inventário foi considerado correto. A respeito do relatório do caixa, deve ser observado que, por solicitação do senhor Bornschein, J. Bennerwitz deveria ser questionado, por meio de correspondência enviada pelo Conselho Administrativo, se ele pretende, ou não, cumprir com suas obrigações perante a Sociedade, bem como se pretende quitar as multas não pagas. *[(?) aqui há alguma palavra ilegível, mas isso não impossibilita que se chegue ao sentido do contexto]* Esta solicitação foi aceita.

Passa-se, então, para o segundo item da ordem do dia: novas eleições: A primeira eleição é a dos comandantes. Foram sugeridos os senhores Heinzelmann e Stoll. O senhor Heinzelmann diz não aceitar a reeleição. O senhor Bornschein pede que o senhor Heinzelmann reconsidere sua eventual reeleição, a menos que existam razões para isso. O senhor Heinzelmann mantém sua declaração. Em votação secreta, o senhor Stoll recebeu 28 votos dos 32 distribuídos. Ele declara aceitar a escolha e agradece pela confiança depositada nele. Passa-se, então, para a escolha de um segundo comandante. Foram sugeridos os senhores Manteuffel, Bornschein e Etzold. O senhor Bornschein recusa a sua escolha. Também se sugere o senhor Herkenhoff e o senhor Loos. Em votação secreta, dos 32 votos distribuídos, foram eleitos: os senhores Etzold, com 16; Friedrich e Manteuffel, 6 cada; Bornschein, com 1; e Loos e Herkenhoff, com um cada. O senhor Etzold aceita sua votação. Para tesoureiro, são sugeridos os senhores Bornschein, Lepper Junior, entre outros. Em votação secreta, foram eleitos: Schmidlin, com 13; P. Berner, com 8; e Grüntsch, com 4. Os votos restantes estavam fragmentados. O senhor Schmidlin aceita sua votação. Para membros do Conselho Administrativo, foram sugeridos: Loos, Herkenhoff, Bornschein, Manteufel, Mayerle, entre outros. O senhor Bornschein solicita que os quatro suplentes de secretário a serem eleitos sejam votados em separado, primeiro 1 e os outros 3, em conjunto. Esta solicitação do senhor Bornschein foi aceita por unanimidade. Como secretários, foram eleitos: Bornschein, com 26; Dreifuss, com 3. Os votos restantes estavam fragmentados. O senhor Bornschein aceita sua votação. Como o secretário, senhor V. Dreifuss, abre mão do seu cargo. Com permissão, o recém-eleito assume o seu lugar. Dos demais suplentes do Conselho Administrativo a serem eleitos, temos: Otto Delitsch, com 23; E. Loos, com 22; W. Manteuffel, 13 votos. (Herkenhoff com 11 votos). O senhores aceitam o resultado de suas eleições. Como tesoureiro e como revisores de equipamentos, foram eleitos: C. Eggers, com 22; Herkenhoff, com 20; E. Stamm, com 17 votos. O senhores aceitam o resultado de suas eleições.

O senhor Etzold solicita que sejam emitidas 12 ações, no que diz respeito ao item 3(2) da ordem do dia. Depois de acalorado debate, a solicitação foi aceita. Desta forma foram sorteadas: 25,

27, 32, 2, 4, 43, 28, 11, 21, 9, 18 e 37. A proposição do comando, relativa ao item 4 da ordem do dia, que diz respeito à unificação dos grupamentos dos esguichadores e dos baldes, foi aceita com 13 votos contra 6, sem nenhum debate. O senhor C. Etzold, depois que se passou ao item 5 da ordem do dia, propõe: assuntos diversos - que o déficit do último baile, em comemoração à fundação, seja pago pelo caixa da Sociedade. Esta proposta foi aceita. O senhor Etzold propõe que o Conselho Administrativo se comprometa a pendurar o sino de tal forma que ele possa ser ouvido por todos os moradores. Depois de resolvidas todas as questões da ordem do dia, o comando solicitou que se faça um “Viva” ao valoroso comandante, senhor Heinzelmann, que esteve no comando até então. Como não havia mais nada para ser tratado, a reunião foi encerrada.

F. Heinzelmann Fried. Stoll
Comandante

A. Bornschein
Secretário ad hoc

Assembleia Geral Extraordinária de 29 de setembro de 1897.

Assembleia Geral Extraordinária de 29 de setembro de 1897, Salão Berner.

Ordem do dia: 1) Posterior sanção das atividades do Corpo de Bombeiros, de 15 a 18 de setembro do c. a.. 2) Questão das espingardas. 3) Assuntos diversos. O comandante F. Stoll abriu a reunião e solicitou que o secretário fizesse a leitura dos protocolos anteriores.

Item 1 da ordem do dia: em votação secreta, a atuação do Corpo de Bombeiros foi aprovada e reconhecida por 53 votos a 3 [(?) ilegível]. Na sequência desta decisão, o senhor Bornschein propõe que os gastos da atuação dos bombeiros, realizada em S. Bento, no total de 400\$, sejam custeados pelo caixa da Sociedade. A proposição foi, depois de caloroso debate, aceita com 23 - 1 votos. O senhor Arno Uhlemann propõe que se envie um agradecimento ao senhor Eugen Teder, em Santos, pela detenção do P. V. Czikus, feita por ele, descortinando, assim, a verdade em relação ao desaparecimento deste. Esta solicitação foi aceita por maioria expressiva de votos. O senhor Alph. Lepper propõe que este telegrama seja imediatamente escrito e lido, o que foi aceito, cujo teor a ser enviado posteriormente era o seguinte: Eugen Teder, Santos. Muito obrigado por sua enérgica atuação no caso Czikus. Corpo de Bombeiros de Joinville. 2º item da ordem do dia: questão das espingardas. O senhor C. Brand solicita que os atuais moradores, que ao mesmo tempo são bombeiros, entreguem oficialmente as espingardas, para que o comando possa assumir o controle sobre elas. A solicitação foi aceita por todos os votantes, com exceção de dois.

3º item da ordem do dia: assuntos diversos. O senhor R. Brand solicita que o senhor V. Czikus seja excluído da Sociedade. O senhor Heinzelmann observa que V. Czikus não pode ser sumariamente excluído pela reunião de hoje, já que, de acordo com o §11, se faz necessário que este seja convocado 14 dias antes de ocorrida a reunião. A Assembleia Geral, no entanto, decide a respeito, sem levar em consideração o referido parágrafo, e o senhor V. Czikus é excluído da Sociedade, com vasta maioria. Caso o excluído venha a protestar contra esta decisão – alegando não terem sido observados os estatutos –, a próxima Assembleia Geral deverá deliberar novamente a respeito. O senhor Ed. Loos propõe, em favor do caixa da Sociedade, diante dos gastos imprevistos, que seja organizado um baile

Foi deliberado, por sorteio, a respeito da admissão dos seguintes senhores: Alfred Helwig aceito, Werner Riekes aceito, Aurelio(?) Antonio Vieira aceito, August Birkholz aceito, Carlos Quandt aceito. Franz Ebert foi convocado a se apresentar, para se responsabilizar por uma acusação. O mesmo declara que a acusação é mera difamação. E. Loos comparece com atraso. Lido e encerrado.

Fried. Stoll
Comandante

O. Delitsch
Secretário Interino

Relato de final de junho de 1898.

S. Ex.^a o governador de Santa Catarina, Dr. Herzilio[sic] da Luz visitou a cidade de Joinville no final do mês de junho. As sociedades locais e também o Corpo de Bombeiros confirmaram sua participação à solicitação feita pelo senhor superintendente, a qual ocorreu em 18 de junho, nas imediações do porto. No desfile, respectivamente, na marcha realizada até a casa em que se hospedaria o governador – antiga casa da senhora Hasse – como sempre, o Corpo de Bombeiros compunha o final.

Depois de voltar de São Bento – para onde S. Ex.^a havia viajado –, o mesmo expressou seu interesse em assistir aos exercícios realizados pelo Corpo de Bombeiros. Por este motivo, o senhor comandante F. Stoll tocou o alarme na noite do dia 24 de junho de 1898, sobre o qual o “Jornal da Colônia” [Kolonie-Zeitung], em sua edição de Nº 49, relata conforme segue:

“S. Ex.^a o governador regressou de São Bento na tarde de sexta-feira. Em sua honra, o Corpo de Bombeiros realizou um alarme para a apresentação de seus exercícios. A casa a estar em chamas era de propriedade do senhor G. Schossland, que ficou ainda mais destacada pela vermelhidão do fogo. Com a conhecida prontidão, o Corpo de Bombeiros se fazia presente ao local em chamas, em 4 ½ minutos, depois do toque do primeiro sinal de alarme, e, dois minutos depois, o comandante dos escaladores entrou em ação e colocou o esguicho para funcionar. Depois de terminado o exercício, o governador, que havia acompanhado a sequência de exercícios com grande interesse, a partir de sua casa (da casa dos Hasse), convidou o Corpo de Bombeiros, para que o acompanhasse em um copo de cerveja. Com palavras simples, falou de seu apreço pelos serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros, oportunidade em que comemorou com louvor os méritos obtidos perante a Sociedade de Tiro, por ocasião da revolução, a fim de manter a ordem e a proteção das propriedades locais. O senhor A. Bornschein agradeceu por meio de um “viva” à S. Ex.^a.”

No sábado, 9 de julho de 1898, às 12h30 da tarde, o Corpo de Bombeiros foi alarmado; relato publicado pelo “Jornal da Colônia” [Kolonie-Zeitung] de 12 de julho, em sua edição de Nº 53, do recorte em anexo, em que se deve destacar apenas que o mencionado acidentado é o membro passivo August Birckholz.

“Alarme de fogo: Na hora do almoço de sábado, o Corpo de Bombeiros foi alarmado, pois havia um foco de incêndio no moinho de mate do senhor A. Baptista & Oscar, nas imediações do porto. Felizmente, este, que havia se iniciado durante a queima do cilindro de torrefação, pôde ser controlado pelos próprios operários do moinho, antes que tomasse maiores proporções, de modo que o Corpo de Bombeiros não precisou intervir no momento de sua chegada. Nesta oportunidade, temos que destacar a louvável presteza com que o Corpo de Bombeiros enfrenta as chamas, o que lhe confere a fama que lhe é atribuída. Menos de quatro minutos após o primeiro sinal de alarme, os grupamentos de escalada e de esguichadores já haviam partido, para dar suporte imediato aos seus demais requisitos. Um cavalheiro dentre o público, que havia se colocado em perigo ao prestar ajuda (e tinha sido atropelado por um carro-pipa), felizmente não sofreu graves consequências.”

Os festejos de fundação deste ano, ocorridos a 10 de julho de 1898, foram realizados como de costume, com a apresentação de exercícios e de teatro, bem como baile. A edição Nº 53 do “Jornal da Colônia” [Kolonie-Zeitung] de 12 de julho do ano corrente relata a respeito:

“Corpo de Bombeiros Voluntários. O Corpo de Bombeiros pode se recordar de um evento de sucesso. A apresentação dos exercícios, de domingo à tarde, comprova o zelo com que os membros do Corpo de Bombeiros se dedicam ao seu trabalho voluntário, enquanto se preparam para os casos de emergência. É uma pena que tenham sido um pouco prejudicados pela chuva que se instalava. O baile da noite estava muito agradável. A respeito das apresentações, que ocorreram de maneira muito exata, merecem ser elogiadas, especialmente, as imagens vivas, imagens vivas com texto explicativo. Trata-se de performances teatrais monótonas, como as que estão em moda aqui nos clubes, uma divertida diversificação. O nosso reconhecimento ao Corpo de Bombeiros, com um ‘viva às mangueiras!’”

A. Bornschein
Secretário Interino

Nota de 5 de agosto de 1898.

Obituário

A 5 de agosto de 1898, os membros ativos do Corpo de Bombeiros se reuniram no local dos apelos, a fim de realizar um dever caseiro, já que é a primeira vez, desde a existência da Sociedade, que se precisa fazer as honras do último adeus a um camarada da ativa, acompanhando-o até o túmulo. Era em homenagem ao senhor Felix Heinzelmann, que, depois de um longo período de doença, por fim veio a falecer. Nele não só lamentamos pelo nosso velho camarada, mas por um camarada que sempre mostrou grande interesse pelo nosso empreendimento caridoso, que a cada momento se dedicou à nossa causa e que foi um amigo leal para com todos os seus camaradas. O que o senhor Heinzelmann fez e concretizou como comandante do Corpo de Bombeiros, durante a Revolução de 93/94 – certamente o período mais difícil que Joinville viveu até aqui –, está descrito para sempre nos anais de nossa cidade; trata-se de uma coroa gloriosa que o Corpo de Bombeiros adquiriu por meio de seu comandante.

O senhor F. Heinzelmann foi cofundador de nossa Sociedade; entrou primeiro para o grupamento dos baldes, passando para comandante do mesmo a partir de 4 de agosto de 1893 e, desde 16 de agosto de 1893, tornou-se comandante de toda a corporação. Só na eleição de agosto de 1897 renunciou voluntariamente ao cargo de alta responsabilidade e passou a incorporar o grupamento dos vigilantes.

Por quase seis anos de atividade, a qualquer momento, ele tem sido um exemplo brilhante de devoção fiel ao dever, e nós, os demais camaradas ativos, não podemos honrar melhor a sua memória, a não ser comprometendo-nos a servir de modo tão fiel, persistente e zeloso quanto ele, em prol da causa que assumimos voluntariamente. O senhor Heinzelmann jamais será esquecido pelo Corpo de Bombeiros, sua memória não será extinta.

A. Bornschein
Secretário

Revolução de 1893

Recordações do tempo da grande revolução 1893-1894 e os serviços dos Bombeiros Voluntários de Joinville, por Alexandre Döhler, então sócio ativo do Corpo de Bombeiros Voluntários. Traduzido pelo Dr. Norberto Bachmann.

Em 6 de Setembro de 1893 rebentou, no porto do Rio de Janeiro, a revolta da esquadra e consequentemente logo se interromperam as comunicações postais com os estados do sul. A entrada do nosso porto de São Francisco ainda não era fortificada e assim fomos logo comprometidos quando os navios de guerra insubordinados República e Palas (um navio comercial armado), irromperam da baía do Rio de Janeiro.

Era o dia 22 de Setembro, às 4 horas da tarde, quando repentinamente os bombeiros e atiradores foram alarmados, pois que os dois navios revolucionários tinham entrado em São Francisco, e ocupado o telégrafo local.

Como Joinville tivesse uma estação telegráfica Central, admitiu-se que viria um destacamento militar para dela se apoderar e interromper a ligação telegráfica com a Capital do Estado. Como não se sabia como os revolucionários se comportariam junto a população, o presidente da Câmara Dr. Abdon Batista pediu que garantíssemos a ordem e a segurança o que foi prometido. Nosso comandante de bombeiros, o Snr. Felix Heinzelmann, dispôs imediatamente sobre guardas e patrulhas. Juntamo-nos, em menos de 10 minutos, cerca de 40 bombeiros uniformizados, no ponto de reunião, em frente ao prédio da diretoria da Sociedade de Colonização, junto ao galpão dos emigrantes, onde hoje se sitia o palácio Luiz Niemeyer. Com o escurecer, colocaram-se também guardas junto ao rio e, eu servi das 9 até às 10 e meia da noite no Bucarein. Afinal, às 11 horas, os guardas deram o sinal da chegada do pequeno vapor Dona Francisca que tinha sido retido em São Francisco. Dez minutos mais tarde, acostaram o Dona Francisca a uma pinça a vapor da República no cais, ambas ocupadas militarmente, com as luzes reduzidas e vagarosamente. Nosso comandante fez-nos formar em linha. Além de nós também se encontrava aí um grande número de nossos concidadãos. O presidente da câmara, Dr. Abdon Batista, perguntou então ao oficial da guarnição qual a finalidade desta visita militar e comunicou ao mesmo tempo, que os moradores daqui estavam prontos para defender a vida e suas propriedades, caso houvesse excesso da parte dos revolucionários. Então o oficial, certamente diante de nossa atitude, declarou que tinha vindo com o intuito de tomar a estação telegráfica e que, de resto, desejava conquistar as simpatias da população e que haveria de respeitar as vidas e propriedades. Como o telégrafo fosse propriedade federal, não nos podíamos opor e assim o oficial, na companhia de três soldados apoderou-se dos aparelhos telegráficos e partiu meia hora depois. Este foi o nosso primeiro serviço.

Depois que a capital do Estado, Desterro, foi conquistada pelos navios de guerra citados, recebemos a primeira guarnição militar, enviada pelo governo provisório então instalado, cinquenta homens da tropa policial, e aí começaram para nós os dias excitantes. Primeiro estes heróis tentaram o recrutamento a força e, em um domingo, detiveram vinte brasileiros. Mas enganaram-se. Segunda feira se reuniram os bombeiros, os atiradores e os ginásticos e resolveu-se que o povo não participaria desta guerra civil,

não se permitira o recrutamento forçado e caso nossa neutralidade não fosse acatada, sacrificaríamos bens e vida, sob a divisa: — UM POR TODOS, TODOS POR UM. Ai os revolucionários cederam e libertaram todos os prisioneiros. Viriam porém, dias mais pesados. Em uma reunião para tratar da segurança do município convocaram-se também representantes da população rural assim como os inspetores de quarteirão e combinou-se prestar auxílio mútuo. Designaram-se mensageiros a cavalo que iriam, em caso de necessidade, alarmar a população do campo. O governo provisório revolucionário reconheceu nossas autoridades. Em 1º de Novembro de 1893, às quatro horas da tarde, chegou o general Piragibe com duzentos homens, sendo recebido pelo presidente da câmara, Dr. Abdon Batista e as autoridades constituídas; juntaram-se muitos moradores no porto para assistir o espetáculo militar do desembarque das tropas.

Logo ao pisar solo joinvilense, o secretário da câmara, Snr. Victor Müller, chamou a atenção do general, para o Snr. Felix Heinzelmann, nosso comandante do corpo de bombeiros que se achava a paisana entre os expectadores. Imediatamente o Snr. Felix Heinzelmann foi chamado à presença do general o qual exigiu que os bombeiros, atiradores e ginásticos o acompanhassem em sua campanha contra o Paraná. O Snr. Felix Heinzelmann respondeu francamente que ele era somente o comandante do corpo de bombeiros voluntários e nada poderia prometer. A resposta dependeria da sociedade dos bombeiros e dos sócios das outras sociedades. Então o general exigiu resposta afirmativa até às seis horas. O Snr. Heinzelmann foi logo para casa, pôz o uniforme e deu sinal de alarma; já eram cinco horas. Em dez minutos estavam trinta homens do corpo de bombeiros na praça da Igreja. Também vieram atiradores e outros cidadãos. Nosso comandante mandou cercar a praça com guardas, para estar seguro contra um ataque de surpresa. Eu assumi o posto adiante da escola alemã, com a vista atravez do beco até a estrada do Meio (rua 15 de Novembro). Neste interim, parte da tropa se espalhava na cidade e requisitava cavalos. Em menos de um quarto de hora, cavaleiros munidos de lanças galopavam pelas ruas. Entremettes, nosso corpo de bombeiros conferenciava com os atiradores e outros cidadãos sobre como enfrentar a exigência do general. Resolveram unanimemente não acompanhar o general, alarmar imediatamente a população rural e, no mínimo, garantir a segurança na cidade. Mandaram-se imediatamente emissários montados para as estradas coloniais afim de que se realizasse a divisa UM POR TODOS E TODOS POR UM, enquanto o nosso comandante se dirigia ao general Piragibe para transmitir-lhe a resposta. Ao passar por mim perguntei ao comandante o que deveríamos fazer caso ele fosse detido. Ai ele, muito sério, indicou nosso vice-presidente Snr. Friedrich Stoll, com as palavras "Eis vosso segundo comandante". Neste espaço de tempo o presidente da câmara Dr. Abdon Batista tinha chamado a atenção do general para o perigo a que se submetia, si insistisse em sua ordem. Quando nosso comandante comunicou ao general a nossa resolução e disse que a população dos campos já estava alarmada, e que em caso de necessidade teríamos mil homens a disposição, mas que estavam prontos para garantir a ordem e segurança na cidade, caso retirasse sua ordem.

O impulsivo general se satisfaz e retirou a sua ordem; e determinou às suas tropas que respeitassem a vida e a propriedade dos moradores, sendo fusilado quem não o fizesse. Aceitou grato a nossa proposta e transmitiu o comando ao nosso comandante; exigiu além disto, a promessa que não o atacariamos pelas costas quando se retirasse. Nosso comandante tomou logo as necessárias disposições. Mandou ocupar pelos bombeiros todas as entradas da cidade, para que a população rural não perturbasse a paz na

cidade, durante a noite. Eu estive de guarda com mais quatro companheiros na rua do Norte (Rua Duque de Caxias) no açougue Stock. Meus camaradas foram Oscar Ravache, Otto Delitsch, Albano Schmidt e Germano Hille, todos já falecidos. Era tempo, pois ainda não tínhamos ocupado nossos postos, voltaram mensageiros e anunciaram que, em duas ruas, já se achavam cem homens prontos, à espera de um comandante. Durante a noite, os postos eram fiscalizados pelos chefes, o nosso pelo Snr. Eugen Schmidt, o pai de nosso camarada Albano Schmidt, o qual se tinha oferecido espontaneamente. Também nossos dois comandantes estiveram em atividade durante toda a noite. As guardas duraram até as seis horas da manhã. Esta noite foi a nossa prova de fogo, muito absolvida pelo nosso unido novo corpo de bombeiros.

Cidade e campo demonstraram que os cidadãos de Joinville se unem fiel e seguramente em caso de perigo. Em 2 de Setembro de 1893, às nove horas, o general Piragibe abalou com as suas tropas. Também esta partida merece ser lembrada. O general Piragibe tinha o seu quartel general no Hotel Ipiranga do Snr. João Antonio Correia Maia, na Rua da Água (hoje Abdon Batista) sede também da estação telegráfica. O acampamento das tropas era ao lado do moinho de mate do senhor Dr. Abdon Batista. A partida das tropas fora marcada para às nove horas da manhã. Nosso corpo de bombeiros se reuniu integralmente e tomou posição na esquina da Rua Cachoeira com a do Príncipe, por onde passariam as tropas. Nós formamos em duas linhas. O General mandara formar as suas tropas em cinco batalhões, em frente a seu quartel general. Pelas nove horas vieram marchando. O primeiro batalhão era constituído por soldados da marinha, toda gente preta e muito desarranjada, em parte descalços.

Logo que se aproximaram, souo de nosso lado o comando: Atenção! Em forma! e na tropa: forma arma, enquanto o batalhão apresentava armas. Então nosso comandante ordenou: à vontade, e do outro lado veio a ordem: lança arma e então os soldados jogaram de novo as carabinas sobre os ombros. Isto se repetiu na passagem de cada um dos batalhões. Os batalhões eram compostos de cinquenta homens. O segundo batalhão eram soldados da polícia do Desterro que estava melhor arrumado. Depois vieram as tropas de linha que estiveram de guarnição aqui do 17º e 25º batalhões de linha, que se passaram para os revolucionários. Então passou um grupo composto principalmente de brasileiros, poloneses, mulatos e alemães capturados. Esta gente se achava muito deprimida e voltaram as vistas algumas vezes para o nosso lado. Agora seguia o batalhão patriótico que se tinha constituído em Desterro parte a pé e parte a cavalo. Eram civis e traziam nos seus chapéus largas fitas vermelhas com a inscrição: TUDO PELA LIBERDADE! No fim da tropa estava o general Piragibe rodeado de seu estado maior, garbosamente montado no lindo cavalo preto (Picas) do Snr. Werner Riekes, administrador da Estrada Dona Francisca, cujos animais ambos foram requisitados. Quando este grupo chegou, o general mandou parar e despediu-se do nosso comandante, no que nosso companheiro Albano Schmidt serviu de intérprete. O general sacudiu repetidas vezes a mão do nosso comandante e disse: — "Entrego-lhe agora a segurança da cidade." Assim a vanguarda do exército libertador seguiu contra o Paraná; nós porém perguntávamos: o que ainda acontecerá? Mas as tropas se retiraram, entraram na cidade os colonos prevenidos que chegaram no decurso da noite e até ao meio dia contavam-se mais de mil homens dentro de nossos muros. Muitos destes colonos vieram de cinco horas de distância e marcharam a noite inteira. Grandemente eficientes se mostraram os camponios das estradas Blumenau, Monte, Comprida e Nendorf, dirigidos por Eduardo Krisch que dirigia o grupo a cavalo. Como armas, os camponeses tinham espingardas,

pistolas, espadas, foices e facões. Ai cada um viu que a união faz a força. Os colonos foram bem hospedados e voltaram pela tarde a suas casas e nos prometeram voltar logo que houvesse perigo. Nosso comandante organizou então a guarda de segurança; tomaram parte cinquenta e sete bombeiros ativos, vinte e oito atiradores e vinte voluntários. A mesma noite começaram as guardas e duraram ininterruptamente até 26 de Janeiro de 1894. Eu estive de guarda, neste tempo treze vezes, cada guarda de doze horas. A sede era o quartel de polícia. A guarda de dia era de seis homens, à noite de doze homens. Quando se esperava maior número de tropas, todo o serviço de segurança, bombeiros, atiradores, voluntários era posto em ação e o serviço de patrulhamento era duplicado.

Em 23 de Novembro de 1893 chegaram as primeiras tropas irregulares voluntárias sob o comando de Serafim de Castilhos, apelidado Juca Tigre. Eram trezentos gauchos rio-grandenses. Constituíam a vanguarda do general Gumerindo Saraiva, aquele terrível degolador. Nossos federalistas locais que se mancomunaram com os revolucionários, fizeram o possível para infiltrar no povo medo e pavor destas hordas amedrontadoras. Mas nosso corpo de segurança preparou-se para recebê-las. À noite tinha, nosso comandante, repartido todos os bombeiros em cinco quartéis; os atiradores se congregaram junto a seu presidente Gustavo Adolfo Richlin. A chegada das lanchas de Itajaí se deu as onze e meia da noite. Todos os quartéis receberam ordem de enviar cada um uma patrulha. Logo ao primeiro sinal e ao cair um tiro, reuniram no lugar todos os homens. Estávamos arrumados. Eu, com 10 companheiros, tinha a guarda na casa de nosso chefe Max Friedrich e o nosso comandante geral quando nos inspecionou à noite, nos achou os melhores preparados, pois sobre a mesa se encontravam onze armas revólveres, parabelums e pistolas. Quando a tropa desembarcava, um federalista local quiz demonstrar sua alegria, fazendo subir algumas centenas de foguetes e bombas mas não pensara no corpo de segurança. Estavam justamente presentes nosso comandante com três bombeiros e ele confiscou sem mais nem menos o feixe de rojões; daí grande gritaria do herói partidário e do presidente da câmara que também era federalista; aí nosso intemerato comandante, o Sr. Felix Heinzelmann, antigo sargento alemão, declarou que si soltassem os foguetes, os estouros seriam interpretados pelos colonos distantes como tiros e ele então não poderia garantir a paz na cidade. Estas considerações foram aceitas, e até o presidente da câmara elogiou o nosso comandante.

As tropas estavam esgotadas; achavam-se em fuga e passaram por Blumenau onde venderam os cavalos. O general governista Pinheiro Machado os perseguia. Ficaram deitados durante a noite no cais, como travesseiros se utilizavam das selas. Na manhã seguinte houve uma verdadeira migração para o porto e era bem interessante o aspecto da tropa. Eram todos gauchos rio-grandenses, os bravios filhos dos pampas; vestidos com bombachas e palas, em meio de mulheres e crianças, mas rotos e andrajosos como nunca se viram outros. Poderia tratar-se de um acampamento de ciganos. Muitos precisaram completamente de roupa, pois nada tinham sobre o corpo. Na mesma manhã levamo-los a um quilômetro da cidade, onde acamparam. No decurso de alguns dias, foram conduzidos de carro para o quilômetro sessenta e um, porque a tropa declarou não aguentar a pé. Em começo de Dezembro chegaram o General Gumerindo Saraiva e seu irmão Aparício, com a parte principal de sua tropa. Eram cerca de quinhentos homens. Foi uma azáfama no porto, quando o pessoal desembarcou com sua bagagem e munições. A comissão nomeada pela Prefeitura teve que tratar da alimentação e a tinha encomendado ao Snr. Gustavo Schossland o qual,

sem demora forneceu dois grandes caldeirões com feijão preto, carne, farinha e linguiças. Era uma comida forte e nutritiva. Quando, duas horas mais tarde, os soldados chegaram aos grupos de cinquenta homens em frente ao hotel, verificou-se um espetáculo singular. Já o primeiro grupo recusou a comida ao lhe ser oferecida. Exigiam somente carne para churrasco e marcharam. Assim sucedeu com todos os grupos que se apresentavam de vinte em vinte minutos. Acamparam primeiro no pasto junto ao moinho de mate do Dr. Abdon Batista. Esta força estava sob o comando do general Gumercindo e de seu irmão Aparício e proporcionava o aspecto pitoresco a nossas vistas. Os dois chefes principais, assim como os oficiais superiores, de bombachas, botas com esporas, espadas de arrastar, chapéus com uma faixa branca com a divisa bordada: "Exército Libertador" ou uma fita vermelha com a inscrição "Tudo pela Pátria". E os filhos legítimos dos pampas gaúchos com pistola e faca na cinta, muitos orientais cor de oliva, expressão fisionômicas de criminosos, negros, mulatos. Viam-se poucas fardas militares, mas todos tinham, sem exceção, pelo menos um facão, muitos ainda faca e pistola, lança ou espingarda. As vestimentas, em geral, eram muito deficientes. Manter em respeito esta horda selvagem não era tarefa pequena. Também o general Gumercindo tornou logo pública uma ordem, proibindo a tropa de prejudicar a vida e as propriedades dos moradores. Considerando o maior número das tropas revolucionárias a fiscalisar, o nosso serviço de guarda era feito com rigor e as patrulhas foram reforçadas. Nosso serviço de segurança dos bombeiros e dos atiradores organizou-se em 1º de Novembro até 26 de Janeiro do modo seguinte: Toda a tarde apelo em frente à casa de direção da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Repartimento da guarda noturna em doze homens e da guarda diurna em seis homens, com os respectivos chefes. Marcha da guarda noturna para render a diurna. A guarda diurna escolhida devia apresentar-se no quartel na manhã seguinte às 6 horas para substituir a noturna. As obrigações dos guardas eram a redação do diário, a divisão das patrulhas, conforme as conveniências! na regra durante o dia, patrulhas de dois homens, uma hora de ronda pela cidade, de noite 3 homens, uma ronda pela cidade. Este patrulhamento se realizava ininterruptamente dia e noite até 26 de Janeiro de 1894, quando Gumercindo partiu com suas tropas. Em fevereiro de 1894 tivemos que nos apresentar novamente, por breve tempo afim de auxiliar na remoção do lazareto de feridos e doentes para S. Francisco do Sul.

O tempo posterior a chegada de Gumercindo foi para nós o mais excitado. O comércio e as comunicações estavam paralisados, não havia comunicações para fora, quasi diariamente chegavam pequenos grupos de homens revolucionários e se espalhavam os mais alarmantes boatos sobre combates havidos. Mas aguentamos. A maior parte das forças com que Gumercindo chegou, foi repartida, no começo, em dois acampamentos e a metade delas foi removida no mesmo dia em carros requisitados a pressa ao Quilômetro um da estrada da serra (em frente ao Fiscal Carlos Klinger). Neste dia todo o corpo de bombeiros se achou em atividade. Cada um dos carros de colonos com soldados ou munição era acompanhado por um bombeiro. Também se conseguiu uma tropa de bois para a tropa. O transporte para o novo acampamento durou a tarde inteira e já estava escurecendo quando chegaram os últimos. A tropa já tinha levantado barracas e acendido fogos em torno dos quais se sentavam quatro ou seis homens.

Aí tivemos uma impressão da mentalidade da tropa. Junto a uma fogueira um dos homens se achava muito excitado porque não fora concedida a necessária permissão para o saque da cidade. Dizia que já fora prometido para Blumenau e, com segurança para a próxima cidade. Ele estava algo

embriagado. Seus camaradas procuravam socegar-lo, perante a nossa coluna que evidentemente produzia profunda impressão. Era principalmente devido a nosso uniforme que imprimíamos respeito. Pois nos consideravam quasi como superhomens e não tinham informações seguras sobre o número de nosso pessoal. Eram avaliadas até trezentos homens e nossos machados com suas bolsas e os cabos envolvidos em arame pixado, com um gancho de ferro, eram julgados armas de fogo. De repente, já era escuro, ouvimos uma gritaria na estrada. Tinha chegado uma tropa de bois. Inesperadamente, um boi saltou no acampamento, dois homens o tinham agarrado pela cauda e pulavam atrás dele. A cada lado do animal corria um gaúcho com um facão e feria o pescoço dele! aí ele caiu sobre os joelhos e os homens que lhe seguravam a cauda, derrubaram-no de lado de modo que veio pousar sobre as quatro patas, cada um dos dois homens, e como por feitiçaria, tiraram-lhe o couro. Mal passaram dez minutos e já tinham soltado os quatro quartos e quatro homens, cada um com um quarto no hombro se aproximaram das fogueiras. Após um quarto de hora, nada mais se via do boi; tinham aberto o ventre, tirado os intestinos e separado as costelas da coluna vertebral e todo o pessoal preparava já o seu churrasco. Nunca me esquecerei desta cena. No outro dia a câmara tornou pública a ordem, proibindo o fornecimento de bebidas alcoólicas; também apareceu a ordem do dia do general, proibindo a entrada dos soldados na cidade, sem passaporte. Desenvolveram-se relações relativamente boas e houve poucos incidentes perturbadores; destes contarei, porém, alguns. O respeito ao nosso procedimento era visível. Quando os soldados vinham a cidade para comprar pão ou se desobrigar de encomendas de seu capitão, já de longe mostravam os passaportes, entregavam calmamente as suas armas e eram escoltados por um bombeiro. Eu tive que acompanhar uma vez um sargento na compra de diversos artigos que pretendia revender no acampamento a seus camaradas, como camisas, ceroulas, marmelada, goiabada, etc. Era da fronteira oriental. Perguntei si as tropas recebiam pagamento. Ele respondeu-me: "Não, mas matam gente picapau e roubam o dinheiro". Não tornei a fazer esta pergunta. Um dia nossa patrulha encontrou um carro de colonos, na rua do Príncipe, sobre o qual estava sentada uma mulher. Esta era molestada pesadamente por um soldado. Aí a patrulha interveio, libertou a mulher, prendeu o soldado e o entregou a Gumercindo no seu quartel-general. Este quiz mandar fuzilar o malfeitor, mas a pedido das autoridades municipais para não fazer correr sangue em Joinville, somente ordenou amarrar o soldado ao sol durante um dia e elogiou a patrulha por seu procedimento. À tarde no apelo, o comandante determinou que os camaradas Max Rüge e Augusto Spitzner chegassem a frente e comandou: — "Atenção! Silêncio! Tenho o dever de elogiar os camaradas Max Rüge e Augusto Spitzner pelo procedimento de hoje". Este louvor foi uma honra para todo o corpo. Nos tempos subsequentes as relações com as tropas se relaxaram um pouco, pois também a população civil sofria falta de muitas cousas especialmente carne. Na santa noite de Natal muitos soldados estiveram na cidade e admiravam as árvores iluminadas; tal cousa ainda não tinham visto. Também as portas da Igreja evangélica os soldados se juntavam e ouviam com respeito o harmonium e admiravam a árvore de Natal.

Mas também este tempo passou. Em 26 de Janeiro de 1894, o general Gumercindo partiu com suas tropas contra o estado do Paraná. Com isto os tempos de revolução para Joinville estavam propriamente terminados, mas trouxeram especialmente para os colonos os maiores prejuizos. Para o transporte dos homens, munição, bagagem, etc. a Comissão Inspetora requisitou todos os carros de colonos. Também a Comissão Inspetora foi junto. Diziam que ia somente até o Quilômetro 24 da estrada da Serra. Aí a

tropa deveria marchar. Mas logo que deixaram a cidade, o quadro mudou. Os revolucionários, de repente, se tornaram senhores da situação, e nenhum desceu das carroças. Os cavalos eram maltratados e tiveram que puxar toda a carga serra acima até o Quilômetro sessenta e um (Campo de São Miguel). Ai se esgalha o caminho para Bateas e para Curitiba, mais adiante. Ai também se deram os combates com a Guarda Nacional. Pois mal chegaram ao Quilômetro sessenta e um, as tropas desatrelaram os cavalos dos colonos, montaram-nos e abalaram para o Paraná. Nesta cavalgada e nos combates todos foram sacrificados; pois o que deles voltou morreu dentro de pouco tempo. A mim contou um colono bastante conhecido (Knittel da estrada do Parati). Ele tivera na sua parelha dois belos potros novos, e acreditava piamente que não se deixariam montar. Desatrelaram seus potros e ele teve que presenciar o modo por que os trataram. Ele os trouxe de volta, mas ambos morreram em quatro semanas.

Assim aconteceu que nos dois anos seguintes quase não havia cavalos nas colonias. O primeiro material para substituí-los foram mulas e somente anos depois o número de cavalos se normalizou. Não sei si os colonos foram indenizados dos prejuizos. Nos tempos seguintes, poucas forças combatentes revolucionárias por aqui passaram, mas em compensação tivemos que recolher doentes e feridos dos campos de combate. A Escola Pública foi transformada em Hospital e ali pudemos ver muitos desgraçados, em parte gravemente feridos nos braços e ventre. A um infeliz, um projétil atravessou o rosto e lhe feriu ambos os olhos. Via-se a entrada e a saída da bala. Neste tempo, a comissão sanitária pediu a todos os moradores que desfiassem charpie (algodão) e ai limparam todos os tecidos de algodão e os desfiaram e o material resultante foi entregue as autoridades. Em 13 de Março de 1894 houve mudança da situação. Nesta data, a frota de Floriano derrotou a esquadra revolucionária na baía do Rio de Janeiro e os navios revoltosos, sob a proteção do encouraçado Aquidaban fugiram do Rio para Buenos Aires onde foram internados.

Em meados de Abril a capital de nosso Estado caiu de novo na posse do governo legal. Em Junho chegou aqui uma parte do 23º Batalhão de linha do Exército Federal para reimpossar as autoridades legais. Era uma tropa luzidia e foi recebida festivamente pelos bombeiros, atiradores, ginásticos, assim como pelo povo. Além disto, o chefe desta tropa, o capitão Gouveia, trouxe para o corpo de bombeiros, como reconhecimento a seus méritos, 50 carabinas Mauser e dezoito mil cartuchos.

E, com isto termino a narrativa do período revolucionário em Joinville, de 1893 a 1894.

Alexandre Döhler
